

Antes de iniciarmos a análise dos principais símbolos, gostaríamos de ressaltar as formas diferentes de expressão que se referem ao próprio centro. Com efeito, são expressões que recorrem não somente à simbologia cristã e bíblica mas também à das ciências matemáticas, da cosmologia, da metafísica, da filosofia neoplatônica e da alquimia. A fim de expressar a realidade do centro, ela utilizou todas as expressões simbólicas empregadas no seu tempo. Isso já nos deixa supor a riqueza e a plenitude do centro da alma.

Assim sendo, na simbologia numérica, o centro é a sétima morada,<sup>197</sup> enquanto que na simbologia geométrica ele é ao mesmo tempo o ponto e a circunferência, isto é, a quintessência, o essencial, como também a totalidade. Se nos situarmos na ordem espacial, ele é o infinitamente grande, o oceano, o infinitamente pequeno, o ponto. E' também a altura, o cume da montanha e a profundidade, a fonte, o subterrâneo místico. E' o lugar onde se realizam a união dos opostos, a «conjunctio oppositorum», o casamento místico. E' uma realidade infinitamente longínqua, a terra distante e no entanto muito próxima.

Na ordem temporal e histórica, o centro é a origem de todas as coisas, o interior de nós mesmos, mas é também o fim e antecipação dos tempos derradeiros. E' o lugar onde o tempo foi abolido e absorvido na eternidade. E' ao mesmo tempo paraíso e termo de vida. E' o meio, pois o centro, imagem de Cristo, é o centro da história.

O centro da alma foi expresso igualmente por símbolos ligados aos quatro elementos da física antiga e que ainda tinham validade no século XVI. Dessa maneira, para Teresa o centro é, ao mesmo tempo, água, fogo, ar e terra. Estes quatro elementos juntamente com os dois princípios terra-céu manifestam a totalidade do universo e do centro. Expressam o componente cósmico do centro da alma e têm também uma valência feminina e se relacionam com o mundo criado e, portanto, com a imanência.

Na ordem mineral, primeiro grau de ser, segundo a filosofia aristotélico-tomista, ele é a pedra preciosa, o diamante, o cristal, o metal puro, o ouro; na ordem vegetal, segundo grau de ser, ele é a semente, o fruto, a árvore, etc. Na ordem humana, que corresponde ao terceiro grau de ser, é o «essencial da alma», «a melhor parte de nós mesmos», «o íntimo de nós mesmos», enfim, aquilo que especifica o homem. Finalmente, na ordem espiritual, o quarto grau de ser, o centro é Deus, o «templo de Deus», «o Santo dos Santos». O centro participa assim de todos os graus de ser concebidos pela filosofia da época.

<sup>197</sup> O leitor poderá consultar as referências indicadas na lista dos símbolos do centro da alma.

## O Centro

Na simbologia do castelo e das moradas, o centro é a «última morada», «a morada principal», «a sétima morada», «a morada superior», «a morada interior», «o lugar sagrado», «o compartimento do Rei», ou o «palácio do Rei», «o templo de Deus», «o tabernáculo de Deus», «o celeiro do Senhor» e «subterrâneo místico».

Na simbologia da montanha, o centro da alma é ainda «o cume da montanha sagrada», a «fina ponta», «o cimo». E' também a parte superior que ultrapassa aquilo que é inferior na alma e comum com os animais. Ele está «acima da parte mais elevada dela mesma».<sup>198</sup>

Para definir o centro, Teresa recorreu ainda à simbologia bíblica do Antigo Testamento quando diz que ele é «a Imagem de Deus»,<sup>199</sup> isto é, o homem se encontra num estado semelhante ao do paraíso e ao Novo Testamento sendo que o centro é a vida do Cristo na alma.

Inspirou-se ainda no pensamento metafísico, assimilando o centro à habitação de Deus, dizendo que Deus está na alma «por presença, essência e potência», servindo-se assim da frase tomista muito conhecida na teologia natural. O centro é também «o essencial da alma», ou «o fundo da alma», duas expressões consagradas, a última por Mestre Eckhart, e a anterior por Ruysbroeck. Teresa apóia-se aqui nos conhecimentos de seu tempo, principalmente se levarmos em conta os símbolos do centro expressos na linguagem litúrgica e popular e também nos tratados de teologia espiritual da época. Além disso, encontramos a mesma linguagem utilizada nos contos e lendas, histórias populares e na alquimia.<sup>200</sup>

Enfim, ela serviu-se de numerosas descrições psicológicas para exprimir a experiência do centro.<sup>201</sup>

Todos estes símbolos estão intrinsecamente misturados uns aos outros e algumas vezes são intercambiáveis. Desse modo, Teresa fala da água como sendo tanto a que brota da terra como fonte, quanto a que cai do céu sob forma de chuva. Do mesmo modo, o ouro está ligado aos outros elementos: à terra, pois é desta que ele é extraído; ao fogo purificador no momento de entrar no cadinho; ao sol de que possui o mesmo brilho. Quanto à árvore, que é a árvore invertida, mergulha suas raízes na imensidão do céu estendendo seus ramos sobre a terra. Cada símbolo contém, ao menos parcialmente, algumas significações que estão igualmente contidas em outros símbolos. Um é o eco do outro, e é difícil dissociá-los para poder fazer uma análise isolada.

<sup>198</sup> Vida XX-10.

<sup>199</sup> Gênesis I-26.

<sup>200</sup> Ver o capítulo sobre a história e o símbolo.

<sup>201</sup> Ver o capítulo sobre o Estado psicológico do centro da alma.